Diário de bordo

A busca pela sustentabilidade no agronegócio



Roberto Rodrigues*

VENHO FALANDO há muito tempo que a gestão de uma fazenda é necessariamente uma gestão sustentável – e que precisamos das ferramentas adequadas para isso. Com o desenvolvimento de novos processos, é possível incorporar a sustentabilidade ao ambiente do agronegócio de forma estratégica, abrindo caminho para que se estabeleçam novos padrões de produção rural.

Desde a Rio-92, discute-se o termo ecoeficiência. Segundo o Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável, a ecoeficiência é alcançada quando os produtos e serviços trazem melhor qualidade de vida para as pessoas, alinhando os aspectos ambientais e econômicos. Há 20 anos, estudiosos e especialistas, tanto de empresas públicas quanto privadas, buscam soluções para aplicar este conceito na prática.

Uma destas, a Basf, desenvolveu a Análise de Ecoeficiência como uma ferramenta de gestão que compara produtos e/ou processos, considerando seus aspectos ambientais desde a origem de suas matérias-primas até o uso e o descarte do produto final. É como analisar a produção de uma tonelada de açúcar, resgatando as diversas etapas e os impactos, desde a produção de seus insumos até o consumo. A ferramenta já permitiu mais de 500 estudos concluídos em todo o mundo em diversas cadeias produtivas.

Entre os aspectos analisados estão: uso da terra e de água, consumo de energia e de recursos naturais, emissões e potencial de toxicidade e de riscos.

Aqui no Brasil, através da Fundação Espaço Eco, instituída pela Basf, já foram conduzidos cerca de 40 estudos de Sócio-Ecoeficiênica, "apelidada" de SEEBalance, que, além dos pilares econômicos e ambientais, incorpora os aspectos sociais na análise de todo o ciclo do produto. Dentre os indicadores de desenvolvimento social abordados estão: salários e remunerações, treinamento profissional, investimentos em gerações futuras, igualdade de gênero, acidentes de trabalho e doenças ocupacionais, potencial de toxicidade para colaboradores e consumidores, entre outros.

São ferramentas como essas que podem ser utilizadas para tangibilizar a sustentabilidade para a tomada de decisões de maneira técnica, considerando todas as etapas da produção.

Por falta dessas avaliações mais técnicas e menos emocionais é que deparamos com algumas propostas e propagandas que induzem o consumidor a acreditar que o produto seja mais ecológico, ou "mais verde", quando na realidade o que vale é a análise dos três pilares de forma mais equilibrada. Essas avaliações são fundamentais para entender a sustentabilidade da agricultura antes e depois da porteira, mostrando como e onde melhorar na cadeia, pois de nada adianta trabalhar somente para o agricultor reduzir uma passada de trator da lavoura, para economizar emissões de CO_2, sem considerar que o caminhão carregado poderá ficar dois dias na fila do porto, com o ar-condicionado ligado. De nada adianta substituir um insumo por outro sem avaliar de onde este produto vem e qual é seu rastro de sustentabilidade.

O agronegócio é um setor de exportação sensível a este tema, sobretudo após a Moratória da Soja, quando a restrição de países europeus ao cultivo em áreas de desmatamento aumentou a necessidade de regulamentação para acesso ao mercado internacional. Em resposta, selos e certificações foram criados para enfrentar as barreiras comerciais, mas também para apresentar à sociedade iniciativas pela sustentabilidade.

A contribuição deste tipo de avaliação é muito positiva, pois demonstra o excelente trabalho que a maioria dos nossos agricultores está fazendo dentro da porteira e deixa bem claro, através de números e indicadores, que os grandes avanços em sustentabilidade na cadeia produtiva da agricultura exigirão uma ação maior e compartilhada com os elos que atuam fora da porteira. Coisa boa para mostrar na Rio+20. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal